

1102121

Cresce a procura por alfabetização no ES

O desemprego tem levado os capixabas aos bancos escolares. No entanto, o nível de escolaridade não chega a cinco anos de estudo

ELAINE SILVA

Às 4h30, ele já está de pé. Pega a condução das 5h10, em Canaã, Vianna, e se prepara para uma nova jornada de trabalho, como carpinteiro, em uma obra na Mata da Praia, Vitória. Às 16h30, ele já parece cansado. Mas seu destino não é a cama, para um merecido descanso. São 17 horas e Gentil José dos Santos, 44 anos, está sentado em uma carteira, com olhos fixos ao quadro-negro e à televisão, onde são exibidos o programa do Telecurso 2000. Gentil não pertence mais à estatística de 14,7% de brasileiros analfabetos. Na obra, além de ter seu ganha-pão, conseguiu realizar um sonho: saber escrever seu nome e ler. Ele é mais um dos 25 mil capixabas que participaram do projeto "Todos podem Ler", da Secretaria de Estado da Educação (Sedu), iniciado em 1992, que lhe permitiu a conclusão da 4ª série. "Hoje já estou no telecurso (5ª à 8ª série) e posso dizer que me sinto mais cidadão e conhecedor de meus direitos", diz orgulhoso.

Assim como Gentil, muitos chegam em casa quase às 22 horas e, mesmo assim, ainda com ânimo para pensar que no outro dia começa tudo de novo. Eles não estão em busca só de cidadania e de direitos, mas de uma oportunidade de vencer, principalmente em um país onde o emprego é algo cada vez mais difícil. Esse problema leva cada vez mais pessoas a procurarem o programa, que hoje conta com mil salas de aula em escolas, canteiros de obras, centros comunitários e igrejas. A procura é maior a cada ano e o número de formandos anualmente mostra isso. De acordo com a coordenadora do setor de Educação de Jovens e Adultos, Eurides Sêpúlcri, 25 mil alunos estão aprendendo a ler e escrever. No início do programa, em 1992, 18 mil pessoas estavam cursando.

O complicador para os trabalhadores brasileiros está no nível de escolaridade, cuja taxa ainda é muito baixa. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as mulheres brasileiras estudaram em média seis anos e os homens, 5,7 anos. Na indústria e construção civil esses números são ainda piores e por isso a Sedu desenvolveu parceria com o Sindicato da Indústria da

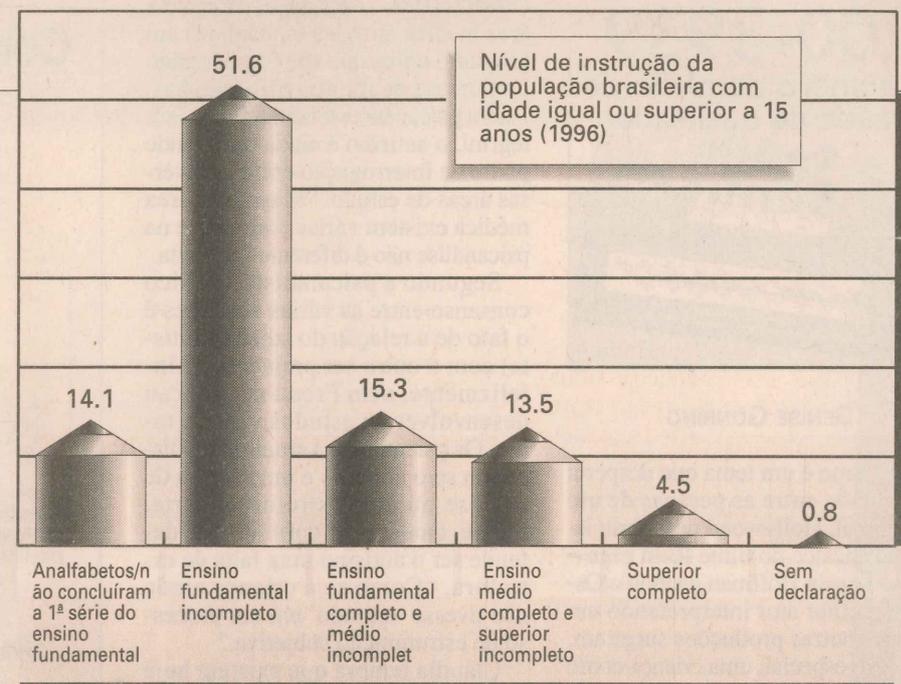
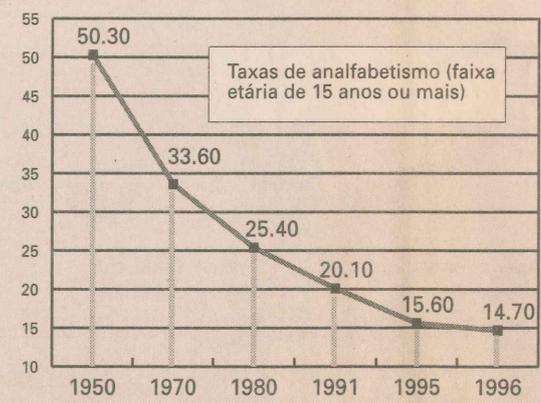
do grupo Mata da Praia Dacaza, a presença feminina é o destaque na sala do telecurso. Não são as professoras ou operárias que marcam presença. O programa é extensivo às famílias dos operários, que levam as esposas também para aprender. O casal Valdemar Kuster, 41 anos, encarregado de obras, e Rosalina Nali Kuster, 42, é o exemplo de vontade de crescer. Rosalina está desempregada, parou de estudar na 7ª série e percebeu que só o retorno aos bancos escolares significaria mudança em sua vida. Agora, recebe vales-transportes da empresa do marido para poder chegar às aulas. Os filhos do casal, um no 1º ano do 2º Grau e outro na 7ª série, acabam hoje ensinando aos pais. "Eles cobram da gente quando não vamos à aula", conta Rosalina. Valdemar, assim que acabar o telecurso, pretende fazer o 2º Grau e, quem sabe, um curso técnico. "O mundo evoluiu muito e não posso ficar para trás", disse.

De acordo com a professora Rosângela Amaral Zandonadi, que alfabetiza jovens e adultos na Escola Américo Guimarães Costa, em Carapina, na Serra, a maior parte de seus 30 alunos tem vontade de aprender por estar desempregada ou com medo de perder o emprego. Na sala dela, Regina Helena da Silva Azevedo, 36 anos, e seu marido José Torquato, 41, vão para a sala de aula à noite e carregam o filho a tiracolo, pois não têm com quem deixar. A contradição reflete a situação de muitos brasileiros: o filho está na 3ª série, na mesma escola, em aulas de manhã, e os pais aprendendo a ler e escrever, o que equivale à 1ª e 2ª séries.

DESPEDIDA - De acordo com a professora, o mais triste é saber que a evasão acontece justamente por causa do desemprego. Rosângela aponta para um dos alunos mais interessados, Versino Mendes de Jesus, 31 anos, que já iniciou as despedidas da turma. Versino vai ter que ir embora para a Bahia, pois está há seis meses desempregado e não conseguiu nada aqui no Estado. "Trabalho como autônomo, tive um açougue no Pará, depois fui para a Bahia e agora estou aqui uns tempos na casa de minha irmã. Ela me deu a idéia de estudar, mas não vai dar para ficar. Vou voltar

DADOS ESTATÍSTICOS

A situação daqueles que não tiveram oportunidade de estudar quando ainda crianças está ficando cada vez mais difícil por causa do grau de exigência das empresas. Mesmo com a redução do número de analfabetos, a maioria da população ainda é desqualificada, o que aumenta cada vez mais o índice de desemprego no País. Hoje, aproximadamente 65% da população não terminaram o ensino fundamental e apenas 4,7% têm nível superior. Desta forma, a escolaridade média é baixa: 6 anos entre as mulheres e 5,7 entre os homens. No Nordeste é de 4,4 anos em média, sendo que em alguns países europeus chega a 12.



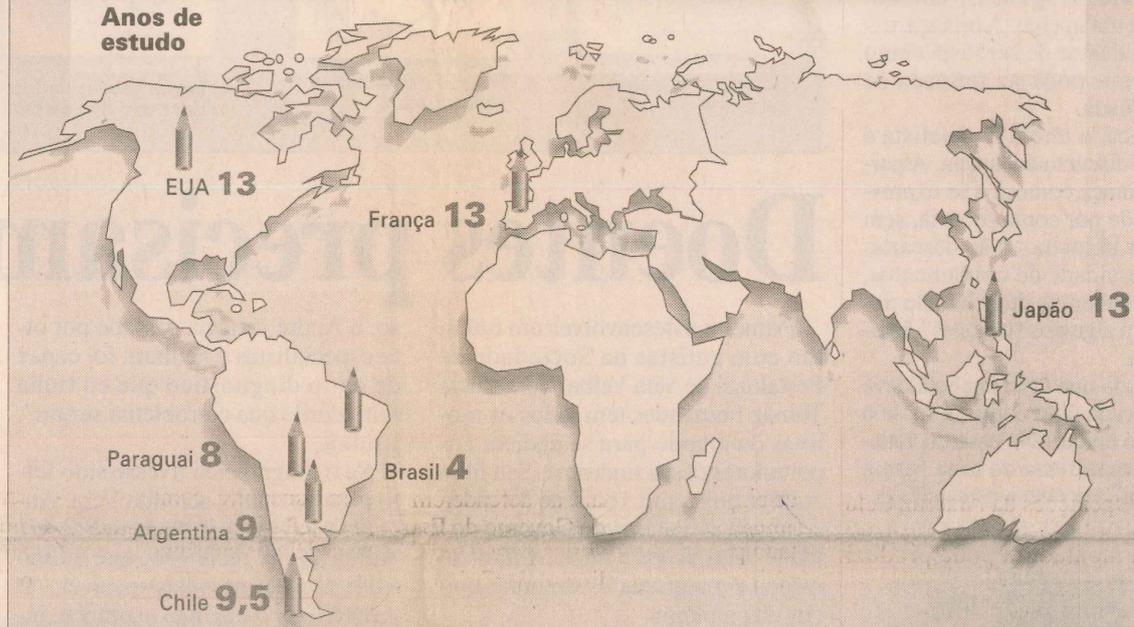
Trabalho e rendimento

Taxa de atividade das pessoas de 10 anos e mais de estudo.....	62,1%
Taxa de atividades de pessoas analfabetas e menos de 1 ano de estudo	53,8%
Taxa de atividade das pessoas com 9 a 11 anos de estudo	76,9%

Nível de escolaridade de pessoas com idade entre 25 e 69 anos no Espírito Santo

Total	1.277.838
Sem instrução	13,29%
Menos de 1 ano de estudo	0,67%
1 ano de estudo	4,29%
2 anos de estudo	6,95%
3 anos de estudo	7,65%
4 anos de estudo	21,07%
5 a 7 anos de estudo	12,14%
8 anos de estudo	8,91%
9 a 11 anos de estudo	17,95%
12 anos ou mais de estudo	6,61%

Nível de escolaridade dos trabalhadores da indústria em países do mundo



Nível de instrução dos trabalhadores que procuraram o Sine no primeiro trimestre de 1999

Analfabetos.....	100
Semi-analfabetos.....	1.016
1ª Grau incompleto.....	2.498
1ª Grau completo.....	1.239
2ª Grau incompleto.....	967
2ª Grau completo.....	1.655
Superior incompleto.....	57
Superior completo.....	55

ria com o Sindicato da Indústria da Construção Civil (Sindicon), que hoje conta com cinco empresas conveniadas e sete salas de aula improvisadas nas construções. Nos canteiros de obras, em 1996, 22 operários foram alfabetizados, sendo que em 1997 foram 39 e em 1998, 42. Hoje são 120 alunos estudando, sendo que em seis anos de projeto 262 pessoas já se formaram. Dessas, 40 estão dando continuidade aos estudos, também nas obras, através do Telecurso 2000, que o Sindicon desenvolve em parceria com o Serviço Social da Indústria (Sesi).

MULHER - No Edifício Rio Negro,

Empresas exigem maior nível de escolaridade

Cada vez aumenta mais o número de empresas que exigem pessoas com maior nível de escolaridade, mesmo que o trabalho não tenha que lidar diretamente com letras e números. Francisco Samora, 46 anos, morador de Carapina, na Serra, trabalha como soldador em uma empreiteira que presta serviços à Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST). Analfabeto, Francisco se viu em um beco sem saída quando a empresa começou a exigir pelo menos a conclusão do ensino fundamental dos operários. No começo, sem apoio da família e envergonhado por só saber assinar o nome, teve vontade de desistir. Mas, para não perder o emprego, juntou forças e se matriculou no programa de alfabetização que é dado na Escola Américo Guimarães Costa, em seu bairro.

Nem todos têm a sorte de Francisco, de receber da empresa a chance de se alfabetizar e não ser mandado embora. O Sistema Nacional de Emprego (Sine) recebe todos os dias pessoas desempregadas com escolaridade que não chega a quatro anos de estudo, o que dificulta muito o êxito em um novo trabalho. No primeiro trimestre deste ano, por exemplo, nos postos da Grande Vitória, com exceção da Capital, o Sine registrou 100 analfabetos. A maioria dos que chegam ao local não completou o 1º Grau. Foram 2.498 pessoas cujo número de anos estudados não chega a cinco.

De acordo com a diretora de Recursos Humanos do Sindicato da In-

mas não vai dar para ficar. Vou voltar para a Bahia e, quem sabe, lá consigo um trabalho. Se conseguir, procuro uma escola para continuar estudando”, conta o aluno.

Assim como milhares, Versino não sabia nem mesmo assinar seu nome e tinha que recorrer à impressão digital para se identificar. Para o desempregado, o dia, às vezes, começa ainda mais cedo do que o do operário que acorda às 4h30. A preocupação é tanta, que ele enumera as noites que passou em claro. Também conta as portas que bateu atrás de trabalho. Para Versino, ao menos agora, já sabe ler um pouco, mesmo que seja a frase: “Não temos vagas”.

dústria da Construção Civil (Sindicon), Maria Cecília Zon Rody Rogério, que também é sócia-gerente da Precisão Engenharia, empresa que oferece salas de alfabetização, o setor da construção civil sempre foi considerado um dos mais arcaicos, e a falta de modernização permitiu até alguns anos atrás a permanência de operários analfabetos nos canteiros. Cecília conta que hoje o panorama está mudado e que a preocupação com o avanço tecnológico exigiu também a modernização da mão-de-obra. “Por causa da alta rotatividade do setor, o operário sabe hoje que não pode ser analfabeto”, diz ela.

A pouca permanência nas salas de aula não atinge só o setor da indústria e construção civil. As empregadas domésticas enfrentam sérias dificuldades hoje para encontrar um trabalho. Nos classificados dos jornais pode-se ver todos os dias pessoas oferecendo serviços para domésticas, mas com uma exigência que há alguns anos era impensável: o 2º Grau. A presidente do Sindicato dos Empregados Domésticos, Maria Pereira dos Santos, explicou que a entidade orienta as pessoas que passam por lá sobre a importância da alfabetização. Segundo ela, das quase 100 pessoas que passam pelo sindicato semanalmente, 2% não sabem nem mesmo assinar o nome. No entanto, Maria conta que existe um contingente de mais de quatro mil empregados domésticos que a entidade desconhece o nível de escolaridade.

Incentivo começou com o Mobral

Do trabalho na roça, em Nova Venécia, Arnaldo Manoel Estevão, 62 anos, foi direto para o Rio de Janeiro, em busca de um emprego melhor. Sem saber ler e escrever, tinha dificuldades até mesmo de pegar o ônibus e enumera as vezes que perdeu a condução ou ficou horas esperando por ter vergonha de pedir alguém para ler para ele. Decidido a mudar essa situação seu Arnaldo foi procurar o Mobral, antigo Movimento Brasileiro de Alfabetização, cujas aulas eram dadas no sindicato da empresa de construção que trabalhava. Em menos de dois meses o curso foi suspenso e seu Arnaldo se viu novamente em dificuldade nas letras, seja nos ônibus, seja no dia-a-dia. Agora, carpinteiro de uma obra na Mata da Praia e novamente sentado no banco escolar, fazendo parte do Programa “Todos podem Ler”, seu Arnaldo não acha que é tarde

demais. Já aprendeu a ler o nome das linhas de ônibus e está na pós-alfabetização, cujas aulas acontecem todos os dias, dentro do canteiro de obras.

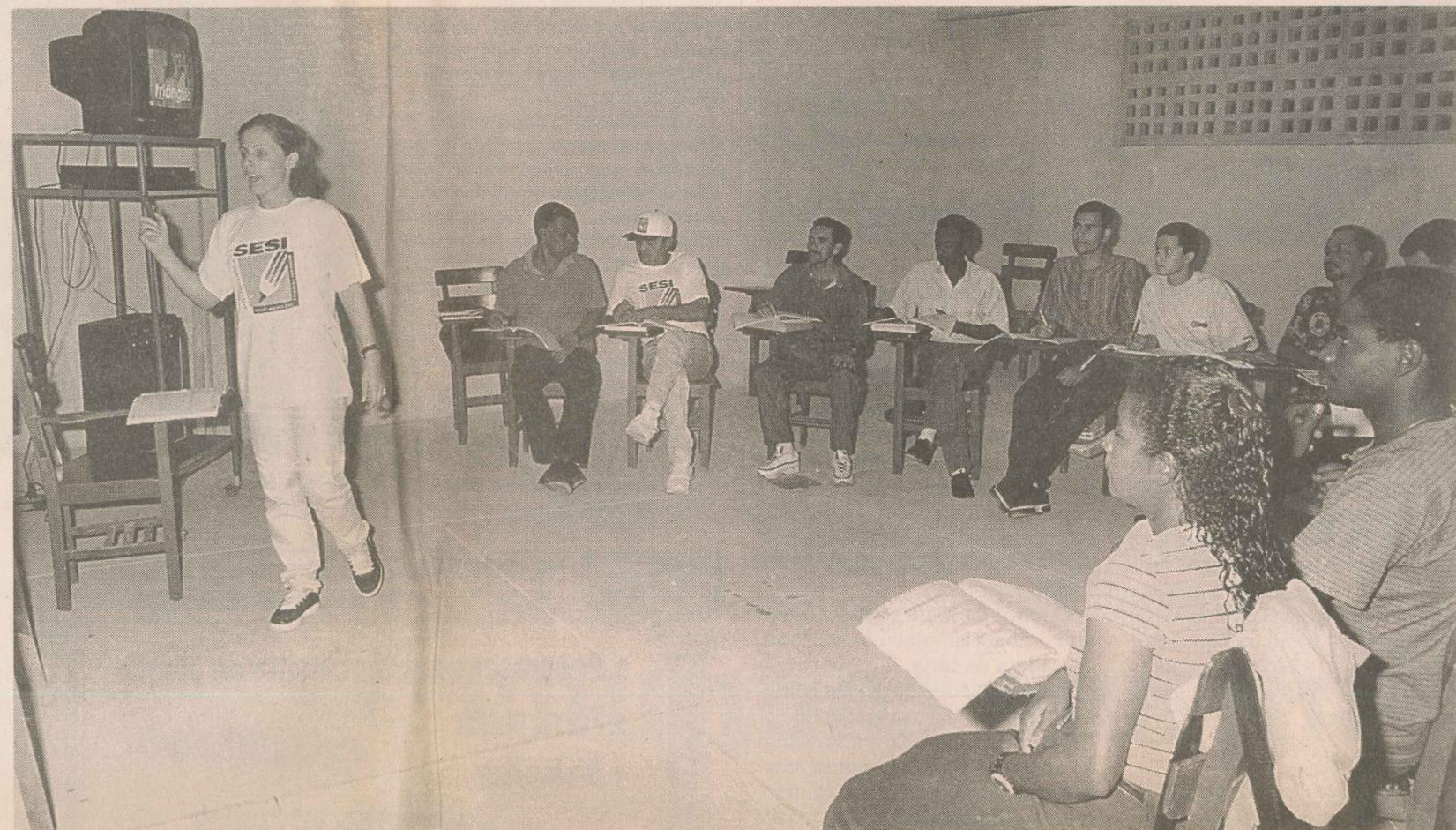
O Brasil já teve diversos programas de alfabetização de jovens e adultos. O Mobral é o mais antigo e durou até 1985. De 1985 até 1990, a alfabetização ficou por conta da Fundação Nacional para a Educação de Jovens e Adultos (Fundação Educuar). Só em 1992, foi criado o projeto “Todos Podem Ler”, que passou a ser um programa estadual de alfabetização, com recursos vindos também do Governo. Nesses anos todos, pode-se dizer que foi grande a redução no número de analfabetos, pois em 1950 eles representavam 50,3% da população, em 1991, 21,1% e no último índice do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1996, o percentual atingia 14,7%.

No entanto, os números mostram que o analfabetismo funcional, que atinge pessoas que foram alfabetizadas, mas são incapazes de usar a leitura e a escrita em atividades cotidianas, ainda é muito alto. Mais de um terço da população adulta brasileira é analfabeta funcional, o que representa 34,1% dos habitantes. Hoje, além dos programas estaduais, existe o projeto Alfabetização Solidária, criado em 1997, pelo Governo federal, atuando em parceria com universidades, empresas privadas e prefeituras.

Maria da Conceição Silva, 51 anos, trabalha na mesma firma há 22 anos. Assim como a maioria que não teve oportunidade de estudar, ela também veio do interior, no caso de Barra do Riacho, em Aracruz. O índice de analfabetismo funcional rural chegam a 46%, segundo do IBGE. Dona Maria se emociona ao falar de sua história,

principalmente porque foi abandonada pelo marido muito cedo, o que acabou sendo responsável por sua distância da escola. Por causa do abandono e dos problemas que teve no resguardo de um dos seus filhos, ela chegou até mesmo a ser internada no hospital psiquiátrico Adauto Botelho.

Hoje, Dona Maria tenta esquecer o que passou e se esforça para compreender o sentido das palavras e a complexidade dos números. Seu choro sentido é de quem queria ter tido uma oportunidade antes, como a maioria dos analfabetos. Na sala de aula à noite, após ter trabalhado quase dez horas durante o dia, ela sente um alívio, pois sabe que está aprendendo. “Sei que ainda posso vencer. Quando era pequena não dava para ir para a escola pois tinha que caminhar três horas a pé. Tenho fé em Deus que vou conseguir acabar meus estudos”, diz.



ESTÍMULO

O projeto 'Todos Podem Ler' e o Telecurso têm incentivado trabalhadores de todas as categorias a procurarem seus direitos e a oportunidade de vencer

Edson Chagas